

**NO IR E VIR DA ESPERANÇA: UMA LEITURA DO MIGRANTE NA OBRA
MORTE E VIDA SEVERINA**

FABIANA CRUZ DA SILVA
UEPB
fabiana.cruz2008@hotmail.com

TAYNNÃ VALENTIM RODRIGUES
UEPB/UEPB
taynnarodrigues@bol.com.br

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre os movimentos migratórios no cenário brasileiro, tendo como metáfora desse processo a região Nordeste e a obra *Morte e Vida Severina* do poeta João Cabral de Melo Neto. Com esse objetivo busca-se compreender aspectos do processo de migração do meio rural para o urbano e suas implicações na ocupação do espaço, assim como refletir sobre a trajetória do migrante e o significado do migrar para esse sujeito desenraizado do seu espaço social e identitário. Sendo a linguagem literária fonte privilegiada de representação da realidade, o enfoque dessa metodologia procura estabelecer um diálogo entre História e Literatura no pensar as representações sobre a realidade histórica apreendidas no texto ficcional, como o faz João Cabral de Melo Neto que em sua linguagem poética interpreta um espaço social marcado historicamente pelo processo migratório e pela presença do “homem Severino,” sua história, motivações e descobertas nessa travessia.

Palavras-chaves: Espaço; História; Literatura; Migração.

INTRODUÇÃO

A migração é um processo de mobilidade humana recorrente, associado em sua origem a fatores ambientais, econômicos, políticos, sociais e religiosos e que exercem significativa influência na organização social de qualquer espaço. No contexto brasileiro, e no período aqui estudado, a região Nordeste do país se destaca como uma das maiores propulsoras do processo migratório. As secas aliadas a outras questões socioeconômicas levaram muitos nordestinos a migrar para outras regiões do país, na busca de trabalhos e melhores condições de vida. As secas prolongadas que castigavam o povo nordestino são sempre vistas como principal elemento no pensar o deslocamento desses indivíduos, um discurso muito presente na literatura de cunho regionalista. Todavia, a ampliação dos estudos que se voltam para a temática da migração tem revelando outros fatores que levaram tantos nordestinos a se aventurarem em terras desconhecidas.

Diante desse cenário, a literatura enquanto representação da realidade se voltou para os dramas dos migrantes, sobretudo a literatura regionalista⁵ que assumiu ao longo do século XX, um caráter de denuncia das mazelas sociais se constituindo em um rico objeto de estudo no pensar determinadas questões como o faz o poeta João Cabral de Melo Neto em seu poema *Morte e Vida Severina* (1954/55) ao retratar o drama do retirante em tom crítico e de engajamento social.

Tomaremos o poema Cabralino como objeto de estudo justamente por percebê-lo como uma arte de cunho social pensada para coletividade, uma vez que o drama da migração perpassa as fronteiras do Nordeste e ganha contornos nacionais e internacionais. Pensando por esse viés, o texto em estudo se configura como metáfora do processo migratório, como uma representação metonímica dos “muitos Severinos” que no ir e vir da esperança marcam o chão de nossa história, e cujos dramas, angustiam e sofrimentos são semelhantes em suas travessias. Com esse objetivo, buscaremos compreender através do diálogo entre a História e a Literatura, aspectos do processo migratório e suas implicações na ocupação do espaço, assim como refletir sobre a trajetória do migrante e o sentido do migrar para esse sujeito desenraizado do seu espaço social e indenitário.

PARTIR, QUERENDO FICAR: A DINAMICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO EM MORTE E VIDA SEVERINA

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) poeta e diplomata brasileiro nasceu no Recife, Pernambuco. Filho e neto de dono de engenho passou sua infância entre os engenhos da família nas cidades de São Lourenço da Mata e Moreno. Irmão do historiador Evaldo Cabral de Melo e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre, manifestou cedo o interesse pela poesia e leitura de cordéis. Enquanto descendente de família patriarcal, integrou ao momento histórico de decadência das oligarquias rurais nordestinas e o processo de transição em direção à cidade/modernidade. Essa experiência influenciou seus escritos uma vez que diante desse cenário de mudanças, cidades como

⁵O Romance Regionalista ou Romance de 1930 marcou na literatura brasileira um momento de mudança na forma como seus autores buscaram representar a realidade. Os autores desse período buscaram através da crítica social descrever de forma fiel as contradições e os conflitos existentes dentro da espacialidade brasileira, ou seja, um país que se queria moderno, mas que conservava traços arcaicos em sua diversidade regional, á exemplo do nordeste que sofria bastante com a falta de estrutura e por resquícios de uma sociedade patriarcal em decadência. Nomes como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queirós entre outros se destacam nesse viés regionalista seguido por João Cabral de Melo Neto.

Recife revelaria o contraste entre os centros urbanos e as áreas periféricas, refúgio dos retirantes fugidos da seca e da miséria. O próprio poeta reflete sobre esses contrastes sociais no pensar a direção que toma enquanto escritor de uma poesia social:

E, afinal de contas porque é que eu escrevi sobre miséria de Pernambuco se sou de uma família de senhores de engenho, portanto, exploradores daquela gente e, portanto, responsáveis por aquela miséria?⁶

É interessante perceber que mesmo sendo membro da elite agrária, João Cabral assume uma postura crítica diante dos problemas sociais que afetavam seu meio, diferente de outros intelectuais⁷ que frente às mudanças nas formas tradicionais da economia brasileira evocaram um tempo e um espaço perdido. Acompanhando as transformações em curso no país e seu impacto na produção literária, que se revestiu de um caráter de denúncia social, assumiu na sua arte uma forma de expressar seu engajamento social. Alfredo Bosi ao se referir ao poema *Morte e Vida Severina* assim o caracteriza:

O seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e temática participativa, conta o roteiro de um Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste á constante negação da existência (1994, p.471)

Essa expressão “temática participativa” expressa por Bosi denota o reconhecimento do caráter da poesia Cabralina de engajamento com as questões de seu tempo. O poema *Morte e Vida Severina* é uma obra de temática regionalista escrito entre 1954 e 1955 para atender a uma encomenda de Maria Clara Machado, que havia lhe pedido uma peça a ser encenada no período natalino. João Cabral fez, portanto um auto de Natal tipicamente pernambucano, onde o espaço que representa o nascimento é um manguezal e a criança o filho de um carpinteiro. Mas que uma simples representação de um auto de Natal o autor construiu seu enredo a partir da antítese: morte e vida como forma de retratar os dramas dos migrantes nordestinos desterrados de sua de sua terra.

Morte e Vida Severina (1954/55) é um poema que conta a história de um retirante, chamando não por acaso de Severino, que sai de sua terra, Sertão da Paraíba e se dirige ao

⁶MELO NETO, João Cabral de. Resposta ao poeta Sebastião Uchoa Leite. Nº 3. Rio de Janeiro: 34 Letras, Mar. 1989.

⁷Alguns escritores regionalistas como José Lins do Rego e próprio sociólogo Gilberto Freyre, enquanto descendentes de família patriarcal, trouxeram em seus escritos uma caráter saudosista e de defesa dos valores tradicionais que vinham sendo questionados.

Recife, acreditando encontrar na capital melhores condições de vida. Tematicamente a obra é dividida em dois momentos. Na primeira parte o enredo é focado na viagem de Severino pelo Sertão, seguindo o curso do Rio Capibaribe e tendo como sua fiel companheira a morte, uma vez que em cada vila que passa e em cada pessoa que encontra só se depara com situações de morte. Na segunda parte o autor descreve a experiência vivida por Severino ao chegar a seu lugar de destino, evidenciando sua frustração, seus questionamentos e incertezas ao se depara com uma situação totalmente inversa do que imaginava.

Logo no início do poema, ao tentar se identificar, se individualizar entre tantos Severinos o protagonista se vê diante de uma ausência de um perfil individual, de uma identidade própria diante dos muitos Severinos que em seu meio vivem e padecem de situações semelhantes:

O meu nome é Severino
não tenho outro de pia.
como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o de Maria
do finado Zacarias.
mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossa Senhoria?
vejamos: é Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
como nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
(MELO E NETO, 2000, p 46)

Ao tomar esse poema como uma leitura do migrante esse excerto já demonstra a metáfora que é proposta pelo autor. Uma vez que, diante da impossibilidade de se

individualizar, em um contexto repleto de tantos Severinos, vemos a transição do ser individual para o coletivo revelando o protagonista como uma metonímia representativa de tantos outros retirantes:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam.
melhor Vossa Senhoria
e melhor possam seguir
a historia de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 2000, p 46)

Severino é a personificação do nordestino, cuja vida é determinada pelas desigualdades econômicas e sociais. Não é por acaso a escolha do nome, muito comum no Sertão nordestino. Ao se apresentar como Severino ele encarna os milhares de nordestinos que como ele compartilham o nome, a miséria, o sofrimento e a perspectiva do mesmo tipo de morte que se morre um pouco por dia, submetidos ao domínio e exploração dos latifundiários e que sem meios de produzir para sua subsistência veem-se forçados a emigrar para tentar a sorte.

Assim ao se perceber um entre tantos iguais o personagem assume a identidade do retirante, passando a representar a voz dos muitos Severinos que a despeito da ligação com sua terra natal se ver forçado a deixar suas raízes na busca de uma melhor expectativa de vida. O migrar para ele é uma fuga da morte que abrevia a vida, sentimento comum à maioria dos sujeitos envolvidos nesse processo, o que implica refletir sobre a migração em um contexto geral, como uma perda de identidade, ou seja, a partir da perspectiva do desenraizamento. Segundo Bosi “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir” (1992 p16). Assim a cultura do migrante se faz melhor compreendida em termos de desenraizamento, afinal ele deixa para trás sua terra natal, seu modo de vida, suas redes de sociabilidades, tendo que assumir muitas vezes outros valores culturais. Morre em certa medida a vida que se levava antes e nunca haverá um retorno a ela, porque aqueles que voltam a sua terra natal nunca vão vê-la como antes diante da experiência que construiu em outros espaços às vezes maior e mais desenvolvido.

Deixar sua região de origem não é tarefa fácil, é renunciar em certa medida uma série de costumes e enfrentar uma nova realidade. Nas palavras de Corsine: “migrar supõe fazer escolhas, implica renúncia ao que já está constituído: o migrante lança-se numa aventura incerta, arriscada, imprevisível, para construir tudo outra vez, fazer o seu caminho ao caminhar” (2010, p.533). Essa nova experiência não raras vezes se converte em um confronto de culturas culminando em práticas de exclusão e marginalização. Durval Muniz⁸ faz um balanço das práticas de exclusão e xenofobia em relação aos sujeitos excluídos socialmente como é o caso do migrante:

A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa se rejeita com maior ou menor intensidade. A xenofobia pode se manifestar de diferentes maneiras, desde como uma simples recusa de aproximação, convivência ou contato com o estrangeiro até através de atitudes extremadas de agressão e tentativa de eliminação física ou simbólica do ser estranho. O estrangeiro, o estranho tende a ser visto com suspeita, pois seus comportamentos, atitudes, códigos de valores não obedecem às mesmas regras que definem aquela cultura que o está recepcionando. (2016, p.9).

⁸Para uma melhor compreensão das práticas xenofóbicas, de racismo e preconceito ao imigrante na contemporaneidade ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016. Nessa obra publicada em 2016 Durval Muniz aprofunda o debate sobre a xenofobia, como instrumento de motivação psicológica na luta pelo poder, entre pessoas, grupos e nações, assumindo um sentido para além da aversão ao estrangeiro ou ao incomum.

Assim as migrações são reflexos de profundas transformações com implicações tanto para o espaço de origem como para o lugar de adoção do migrante. Segundo Gonçalves:

Os grandes deslocamentos humanos, via de regra, precedem mudanças profundas, seja do ponto de vista econômico e político, seja em termos sociais e culturais. [...] numa palavra, a mobilidade humana é em geral um sintoma de grandes transições. Quando ela se intensifica, algo ocorreu ou esta para ocorrer, ou melhor, ou melhor, algo está ocorrendo nos bastidores da história. (GONÇALVES, 2004, p 61).

De fato nos deparamos ao longo da história do Brasil com momentos de intensificação da mobilidade humana, no caso do nordeste e do contexto estudando no poema, identificamos ser um momento de aumento da migração do campo para cidade, em virtude das mudanças nas estruturas econômicas frente ao processo de industrialização que o país vinha passando, que ocasionaram transformações nas relações de trabalho. Fatores como a concentração fundiária, a falta de oportunidades de trabalho, levaram muitos nordestinos a buscar nas grandes cidades emprego e melhores condições de vida, levando a uma aceleração do movimento migratório cujas consequências foram o aumento demográfico e das desigualdades sociais, na medida em que os centros urbanos não tinham como absorver os fluxos migratórios e a mão-de-obra daí advindo culminando no processo de marginalização, algo muito comum na atualidade.⁹

Nesse contexto, Severino representa o retirante que pertence a um modo de produção em decadência. Isso fica evidente em um dos diálogos emblemáticos da obra, quando decide interromper a viagem e encontrar trabalho em um dos lugares em que está de passagem. Ao se dirigir a uma mulher na janela de sua casa questiona sobre as condições de trabalho no povoado e passa a enumerar suas muitas habilidades: lavar, cuidar de gado, trabalhar nos banguê, em resposta é alertado que nada disso tem serventia por ali evidenciando o quanto estas atividades se encontram em baixa, ou seja, o migrante traz consigo habilidades desenvolvidas em seu local de origem que não encontram aplicabilidade fora desse espaço, outro fator que refletiu na impossibilidade de uma mudança na perspectiva de vida. Como em todo o percurso é a morte que se apresenta

⁹Ver GALVE, Fernanda Rodrigues. **Ser (tão) Severino: Memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960)**. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC. São Paulo, 2006. Ao longo do trabalho a autora aborda o contexto de Recife nas décadas de 1940 e 1950 em seu processo de urbanização e industrialização e como este esteve associado a dinâmica das migrações uma vez que impulsionou o aumento do fluxo migratório para este Estado, o que se converteu no aumento demográfico e das desigualdades sociais.

como a grande empregadora daquela região. A mulher logo se apresenta com “rezadora titular que vive a morte ajudar” (MELO NETO, 2000, p 57).

Outro aspecto relevante apresentado no texto, para além das condições climáticas é o fenômeno da concentração fundiária que empurrou muitos indivíduos para as periferias das grandes cidades. Ao longo de sua travessia o primeiro encontro do retirante é com dois homens denominados os “irmãos da alma” que carregam em uma rede um pequeno proprietário, Severino lavrador, vítima de uma emboscada do grande latifundiário por disputas de terras. Ao questionar sobre a punição do assassino a resposta é reveladora da realidade que cerca aquele meio: “mais campo tem para soltar/ irmãos da alma/ tem mais onde fazer voar/ as filhas-bala” (MELO NETO, 2000, p 49), ou seja, não haveria punição ao contrario o assassino se beneficiaria com mais terra. O que é interessante inferir do diálogo é que os interlocutores parecem não se indignar com a injustiça, o que indica ser uma situação contra a qual não se podia lutar. A travessia de Severino é motivada por uma busca de melhores dias, mas por onde ele passa só se depara com os rastros da morte. Isso faz com que ele apresse sua viagem, uma vez que em cada lugar que passa suas esperanças vão sendo minadas:

Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
sabia que no rosário
de cidades e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
a algodãozinho da camisa,
ou meu aluguel com a vida.
(MELO NETO, 2000, p. 69)

A chegada ao Recife só aumenta sua frustração, longe de encontrar meios de empregar sua força de trabalho o que ele encontra é desemprego, miséria, violência e como perspectiva engrossar a massa populacional que vivem nas áreas periféricas, uma realidade não muito diferente da vida Severina deixada para trás. A sua sina reproduz a saga de

muitos migrantes anônimos, que até hoje chegam a cidades ou países e se deparam com uma realidade totalmente inversa ao que buscavam, e diante da falta de oportunidades vão compor os índices de desempregados e excluídos socialmente.

Nosso personagem central encontra um centro urbano despreparado para recebê-lo deixando-o a mercê das mesmas privações da quais vinha fugindo. Essa situação de exclusão é evidenciada por João Cabral de Melo Neto em uma conversa que Severino escuta ao chegar ao Recife entre dois coveiros que fala das distintas alas do cemitério, sintetizando na hierarquização do cemitério um reflexo da sociedade: avenida do centro onde se enterram os ricos (banqueiros, usineiros e políticos), alas dos funcionários (contratados, mensalistas, profissionais liberais) e as dos operários e indigentes (ferroviários, rodoviários, indigentes e pobres vários) logo a ala dos retirantes que segundo os coveiros migravam seguindo o próprio enterro:

E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitérios esperando.
- Não é viagem o que fazem,
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vem é seguindo seu próprio enterro.

(MELO NETO, 2000, p. 68)

A conclusão que João Cabral nos remete nesse poema é do sonho ilusório que em muitos casos caracterizam os processos migratórios, no entanto, ao concluir seu enredo com o nascimento de uma criança, filho do Seu José mestre Carpina, trás uma representatividade da fé na vida, no veio de esperança que impulsionou e impulsiona o ir e vir dos muitos sujeitos anônimos.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é a explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão

de uma vida Severina.
(MELO NETO, 2000, p. 80).

A criança mesmo trazendo os traços físicos de mais uma vida Severina: magra, pálida e franzina é a representação de que o que move o migrante é a vida, é o símbolo da resistência que caracteriza os passos dos muitos indivíduos que cruzam diferentes caminhos ao longo da nossa história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração é um fenômeno que vem ganhando espaço nos debates atuais, uma vez que é algo presente na realidade histórico-mundial¹⁰ e que muito tem impactado na configuração dos espaços e nas relações humanas. João Cabral de Melo Neto ao abordar em seu poema os dramas dos retirantes nordestinos, provavelmente não imaginava os contornos que as migrações assumiram ao ponto de chegar a ser um assunto central nas relações entre países. O autor escreve sobre um Nordeste em plena mutação e cria uma concepção crítica sobre o que acontece com o seu povo por intermédio da poesia, porém essa não é apenas história de um Severino, mas de todos que viveram aquela situação de flagelo e que fizeram parte de uma realidade histórica ocorrida na região nordeste seja em decorrência das secas ou de outros fatores de cunho social, político e econômico. Uma realidade que não é parte de um passado apagado, mas algo bem atual nos descolamentos de pessoas de um espaço a outro.

Na atualidade questões como fatores climáticos, concentração de riquezas, desigualdades sociais, marginalização, fome e pobreza continuam a ser motivações para as práticas migratórias fazendo da poesia Cabralina um importante meio de análise das origens e desdobramentos do migrar em seu lado perverso de desenraizamento. Percorrer escritos como *Morte e Vida Severina* é fazer emergir uma visão mais aberta que considere as nuances desse fenômeno. Assim sendo as discussões que envolvem essa temática podem

¹⁰ Para uma visão mais ampla dos processos migratórios em um contexto global ver: BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro. Zahar, 2017. Em seu último livro o sociólogo analisa as origens, os contornos e os impactos de uma chamada “crise migratória” evidenciando o pavor provocado pela as migrações e a política de desumanização dos sujeitos envolvidos nesse processo, refletidas em atitudes de ódio e diferentes reações políticas por parte dos países “invadidos”. O autor destaca dentre muitas outras questões, que mais do que uma crise migratória vivemos uma crise humanitária e propõe ao longo da obra soluções como cooperação e solidariedade entre os povos, se configurando como um importante texto para se refletir sobre os dilemas que caracterizam os processos migratórios na atualidade.

construir oportunidades de ampliação de leituras e interpretações desse fenômeno em suas raízes históricas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 36ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BOSI, Eclea. Cultura e Desenraizamento. IN: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

CORSINI, Leonora. Migrações e êxodo constituinte. In: FERREIRA, Ademir Parcelli... [et al]. **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

GALVE, Fernanda Rodrigues. **Ser (tão) Severino: Memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960)**. Dissertação (Mestrado em História Social) PUC, São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações no Brasil. IN: **Cadernos Ceas- Centro de Estudos e Ação Social**. Migrações no mundo, na América Latina, no Brasil, no Nordeste. Salvador: CEAS, 2004, nº 214, p. 61-74.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina e Outros poemas para vozes**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SILVA, Verônica Pessoa da. **No vai e vem da esperança: um balanço dos processos migratórios a partir dos saberes e dos aprendizados populares no Nordeste brasileiro**. Tese (Doutorado em Educação). UFPB, João Pessoa, 2013.